

o leitor a “decifrar o *enigma Bentinho*”, ao mesmo tempo que “destrói os argumentos de acusação apresentados pelo ex-marido”; por fim, João Almino, em *Conselheiro Aires como Homem de Papel* [2022], ressuscita o dileto Conselheiro Aires, diplomata sempre conciliador, para narrar com alguma perplexidade as impressões sobre o que vê enquanto perambula por diferentes tempos históricos do país, inclusive, os atuais, e todos, cada um a seu modo, marcados por uma generalizada regressão político-social.

Em suma, se, num poema famoso, Carlos Drummond de Andrade surpreende o leitor incauto (ou ingênuo?), questionando-o com velada ironia – *sem interesse pela resposta* – se trouxera consigo a *chave* para decifrá-lo, no caso particular deste livro, dado o caráter abrangente de gêneros e temas abordados, os autores e autoras, ao contrário da provocação preventiva do poeta mineiro, oferecem de antemão a todos os leitores, críticos ou não, as *chaves* que abrem novas portas para um melhor entendimento do fazer literário de Machado de Assis, algumas reafirmam leituras consolidadas, outras apresentam novos olhares. Cabe, pois, a quem quiser se arriscar a ser surpreendido por este convite à leitura, a não fazer qualquer cerimônia e apenas entrar – sem bater – na *complexidade de um clássico* brasileiro.

Wilton José Marques

<https://orcid.org/0000-0003-2559-9331>

A COR DOS CABELOS DE DEUS.

A OFICINA DE ESCRITA

DE JOSÉ SARAMAGO.

Sara Grünhagen.

Lisboa: Fundação José Saramago, 2023.

592 páginas, ISBN 978-989-35307-1-9

Publicado em 2023 pela Fundação José Saramago, *A cor dos cabelos de Deus. A oficina de escrita de José Saramago*, de Sara Grünhagen é um cuidadoso estudo da obra saramaguiana. A publicação apresenta o texto da tese de doutoramento da autora, realizada em cotutela na Sorbonne Nouvelle e Universidade de Coimbra, sob as orientações de Olinda Kleiman e Carlos Reis.

O livro divide-se em três grandes partes: “A arca de José Saramago n’O ano da morte de Ricardo Reis”; “A Babel d’O evangelho segundo Jesus Cristo” e “Fronteiras borradas: metalepse e estilo”. Fica claro ao leitor, já de início, nas palavras introdutórias da autora que “Três conceitos principais da narratologia são convocados para esta análise da obra de Saramago: a intertextualidade, a intermedialidade e a metalepse” (p. 25). A partir desses três fios de Ariadne, Sara Grünhagen desenvolve um texto que flui pela obra de José Saramago e estabelece durante todo o percurso relações importantes e *sui generis* com a filosofia, a história, as artes e compõe um estudo de extrema relevância na compreensão da obra de um dos mais importantes escritores do século XX. A ideia da “oficina de escrita” se distribui pelas três partes do

livro e apresenta interessantes considerações acerca do estilo e do desenvolvimento do romance saramaguiano. A compreensão desses conceitos narratológicos parte dos estudos de Julia Kristeva, Umberto Eco, Gérard Genette, A. J. Greimas, Tzvetan Todorov e Roland Barthes, entre outros.

A primeira parte, “A arca de José Saramago n’*O ano da morte de Ricardo Reis*”, atém-se a construção do romance publicado em 1984 e apresenta como figura central o heterônimo pessoano Ricardo Reis. É proposta uma leitura centrando-se nos conceitos de intertextualidade, intermedialidade e metalepse. Ao entrar na oficina de escrita de José Saramago, a autora aponta-nos também a abertura da arca do escritor, de certo modo, infinita como a de Fernando Pessoa. Essa arca metafórica contém elementos que orbitam no imaginário pós-moderno e alicerçam um texto que abrange Jorge Luís Borges, Eça de Queirós, Camões e tantas outras referências literárias, cinematográficas e históricas portuguesas e universais.

A curiosa narrativa da chegada de Ricardo Reis a Lisboa, na virada de 1935 para 1936 revela a relação labiríntica e cartográfica de Saramago com a criação borgiana. No subcapítulo “Borges e a tautologia da escrita”, a pesquisadora aproxima as obras dos autores argentino e português, provocando o leitor a buscar o “fantasma de Borges” que não é mencionado, mas que caminha por todo o romance.

O capítulo “O escudo de Aquiles: entre intertextualidade e intermedialidade” que apresenta as relações entre esses dois conceitos e a referência ao escudo do herói grego, faz-nos todo o sentido: nele era representado o universo inteiro. Para alinhar os elementos, Sara Grünhagen relembra importantes aspectos de construção literária como a *ekphrasis*, a qual, atualmente, é denominada como intermedialidade. Aqui, a figura de Camões é fulcral no entendimento da metalepse e da apropriação de uma imagem e sua representação. O sentido de cânone acaba por ser um objeto de extrema importância: é o material fundador da biblioteca-museu do romance, como enuncia a autora. Jornais, revistas, teatro, novelas e cinema, a narrativa fornece dados históricos, sociais e culturais que organizam sua tessitura.

A segunda parte de *A cor dos cabelos de Deus. A oficina de escrita de José Saramago* ocupa-se do mais polêmico romance de Saramago: *O evangelho segundo Jesus Cristo*. Intitulada “A Babel d’*O evangelho segundo Jesus Cristo*” apresenta uma leitura excelsa da narrativa, partindo de questões da recepção da obra e estendendo-se pela constituição do texto, revisitando e revisando conceitos fundamentais para o entendimento do engendramento da diegese.

No capítulo “A biblioteca de Babel: intertextualidade”, a autora estabelece novos nexos que alinham o romance de Saramago ao universo borgiano, numa

espécie de herança, por isso Babel é tão importante pelo seu sentido de multiplicidade. “A biblioteca de Saramago no *Evangelho* é borgiana e babélica, composta por uma mistura de diferentes tradições culturais e históricas que são associadas, comentadas e confrontadas.” (p.246). Essa biblioteca é construída por uma cuidadosa costura de textos, formada por referências diversas que se distinguem pela origem e densidade dos outros textos e imagens que a integram.

Sara Grünhagen também analisa a leitura saramaguiana dos textos do Antigo e do Novo Testamento que alicerçam a construção de *O evangelho segundo Jesus Cristo*. É interessante, no entanto, a apropriação das narrativas bíblicas e das personagens para conceber uma nova percepção de uma história que atravessa os séculos.

Centrado, especificamente, na intertextualidade, o capítulo “Falar a língua dos homens e dos anjos: da intertextualidade à intermedialidade” revisa questões que discutem a ideia de cânone. Sara Grünhagen organiza uma pinacoteca das obras que se desvelam ao longo da narrativa do *Evangelho*, imagens essas que pertencem à história da arte e que habitam o imaginário ocidental, e que confirmam a *ekphrasis* no romance. Fica manifesta, de modo claro e muito bem postulado pela pesquisadora, a dimensão iconográfica e as relações com o texto de Saramago, o que potencializa a visão do escritor sobre Deus e a história bíblica: “A

intermedialidade permite lançar um novo olhar crítico sobre a literatura, e isso não se limita a Saramago: ela é um fenômeno que se cruza com a recepção de obras de natureza diversa e mais especificamente com a recepção de media antigos e novos.” (p. 349). Lembra-nos, Sara Grünhagen, do efeito cinematográfico do romance, característica que já se apresenta em *O ano da morte de Ricardo Reis* e que contribui para a cenarização, composição e focalização da narrativa.

A última e terceira parte do livro “Fronteiras borradas: metalepse e estilo” atém-se ao sentido de metalepse (e das definições de Genette) na construção saramaguiana. A proposta é compreender o material “[...] que serviu de referência para a construção d’*O ano da morte de Ricardo Reis* e aquele outro, em princípio tão diferente do primeiro, a partir do qual *O evangelho segundo Jesus Cristo* foi escrito.” (p. 443). No que concerne às duas narrativas analisadas, a metalepse é potencializada pela presença de personagens transficcionais, ou seja, que se originam em outras narrativas e são substanciais nas discussões ideológicas propostas pelo autor. Com efeito, também são discutidos os pontos negativos das personagens que por vezes possam soar como não convincentes, o que pode ocorrer mesmo pela sua natureza transficcional. No caso dos romances analisados, Ricardo Reis e Jesus encontram seus “criadores”, consecutivamente Fernando Pessoa e Deus. O que também

irá distinguir uma importante especificidade das diegeses: o fantástico. Fernando Pessoa (o fantasma), Deus e o Diabo são personagens abstratas, mas deslocam-se e materializam-se nas interações com os protagonistas. São estabelecidos e revisitados conflitos, divergências, aspectos das construções míticas e imagéticas que orbitam em torno dessas figuras.

Por fim, Sara Grünhagen trata da definição do estilo de José Saramago, e como prescreve a autora: a noção de estilo é bastante ampla. No entanto “[...] há elementos que permitem definir os contornos da sua escrita, individualizando-a, o conjunto da sua obra não só é variado – no que se refere aos romances, pode-se já antecipar uma divisão em, pelo menos, três Saramagos”. (p. 520) Ao apresentar o conceito de estilo e suas particularidades, Sara Grünhagen convoca o leitor a ver, olhar e reparar em José Saramago, em destaque, a construção narrativa que faz amplo uso da metalepse, intertextualidade, intermedialidade e transfuncionalidade. Essa noção alargada de estilo também compreende a construção de imagens, o uso do discurso narrativo (iniciada em *Levantado do chão* e marca indelével de Saramago) e suas variações.

Nas palavras de Carlos Reis, no prefácio de *A cor dos cabelos de Deus* “[...] não é possível construir um estudo com esta dimensão e alcance, sem as qualidades de investigadora criteriosa que Sara Grünhagen possui, ao que

se junta a invulgar inteligência crítica com que enfrentou os textos com que lidou.” (p. 21). É uma pesquisa profícua e única, onde se percebe a leitura arguta e compromissada com a própria essência de José Saramago. Suas fontes variam entre a fortuna crítica publicada em livros, periódicos na forma de textos, entrevistas e suportes heterogêneos. As fontes críticas consagradas pelos estudos literários são importantes como exemplo do uso com excelência de textos seminais. Todos os outros textos, romances, dramaturgia, diários e biografia se organizam na visão de Sara Grünhagen. É, em definitivo, uma análise que se torna incontornável na leitura e estudo da obra de José Saramago.

Gabriela Silva

<https://orcid.org/0000-0001-6249-5166>

**EÇA DE QUEIRÓS NO EGÍPTO E A
ABERTURA DO CANAL DE SUEZ:
VIAGEM, ORIENTALISMO E IMPÉRIO**

Teresa Pinto Coelho

Lisboa: Tinta da China, 2024

366 páginas, ISBN 978-989-671-873-2

Eça de Queirós no Egípto e a Abertura do Canal de Suez: Viagem, Orientalismo e Império, de Teresa Pinto Coelho transporta os seus leitores para o imaginário queiroziano sobre o Oriente. Numa análise imersiva e pormenorizada, a autora documenta exaustivamente o périplo de Eça por territórios